

ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UDEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

SIMBOLOGIA DOS VITRAIS RELIGIOSOS: UM ESTUDO DE CASO NA SÉ EM BELÉM DO PARÁ

Denilson Marques dos Santos ¹

Kátia Marly Leite Mendonça ²

Resumo: O presente estudo tem por objetivo compreender a importância de um tipo específico de arte, a saber, os vitrais para religiosos e cristãos (especificamente os leigos católicos), como os de outras “Organizações Religiosas” (ORs) que desta arte em visita ao nosso “lôcus” de pesquisa, cito Catedral da Sé (Sede da Arquidiocese de Belém do Pará), se utilizam também para decodificar seus preceitos religiosos. Em termos teórico-metodológicos, priorizamos a revisão bibliográfica documental, principalmente, do autor Viana (2015), além de trabalhos de pesquisadores que também seguem a vertente do tema abordado como Eusébio (2005), Joly (2007), Manini (2011), Mannoni (2003), Michelotti (2011), Panofsky (1989), Romano (1987), Silva (2007), dentre outros. As palavras: Vitrais Religiosos, Fotoetnografia, História, Religião, Arte, Documentação e Conservação de Acervos e Coleções Iconográficas foram utilizadas como chave de pesquisa. A análise temática dos dados coletados foi realizada com base na análise de conteúdo das entrevistas. Ao final da pesquisa, pretende-se trazer a público através de fotografias todo o patrimônio de vitrais que a Sé de Belém (PA) possui trazendo uma maior conceitualização e instrumentalização para sua salvaguarda e tombamento se ainda não possui. Busca-se ainda incentivar e valorizar o reconhecimento desta linguagem de arte como integrante da memória e patrimônio material e cultural de Belém do Pará (Brasil).

Palavras-chave: História, Religião, Arte, Vitrais Religiosos, Fotoetnografia.

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa, assim como o objeto pela qual ela se interessa, possui uma história. (LEWIS, 1965)

O presente estudo consiste em compreender a importância de um tipo específico de arte, a saber, os vitrais para religiosos e cristãos (especificamente os leigos católicos), como os de outras “Organizações Religiosas” (ORs)³ que desta arte em visita ao nosso “lôcus” de estudo se utilizam também para decodificar seus preceitos religiosos.

Sabe-se, que, historicamente a tradição judaico-cristã serviu-se de um variado

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA/PPGCR); Pedagogo, Universidade Estácio de Sá (UNESA); Docente na SEDUC-PA e SEMED-Ananindeua (Estudos de Religião e Filosofia); Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória / ARTEMI/UEPA/DFCS; E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br ; LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3274155299218088>; ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0359-4695>

² Doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP); Realizou Pós-Doutorado em Ética na Universidad Pontificia Comillas; Docente do PPG- Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da UEPA - Universidade do Estado do Pará e do PPGSA- Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA - Universidade Federal do Pará; Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória / ARTEMI/UEPA/DFCS E-mail: guadalupelourdes.2021@hotmail.com LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5325063796266136>; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0547-8500>

³ As organizações religiosas se configuram como sistemas organizados a partir de uma estrutura hierárquica, conjunto de doutrinas, ritos, símbolos e normas éticas, podendo ser dogmáticas, mas também abertas e flexíveis. Tendo como função básica a de pelo menos no plano ideal, influenciar nas relações de convivência entre pessoas de diferentes crenças, permitindo, assim, a compreensão do “Fenômeno Religioso”, ou seja, o Sagrado na perspectiva da diversidade (SEMED-PR, 2016, p. 02).

repertório para expressar a fé. Esta iconografia, assim, teria como objetivo servir para os cristãos como uma pedagogia da fé (prática de caráter antropológico), entrando no campo do cognoscível (daquilo que se pode conhecer) dos mártires religiosos. A fim de descrever esta relação entre religião e arte, na pesquisa utilizou-se como estudo de caso a Sé em Belém do Pará.

A Catedral Metropolitana de Belém (CMB) como também é conhecida localiza-se no Bairro da Cidade Velha, o mais antigo de Belém, sendo a mesma concluída em 1771, com o projeto do arquiteto italiano Antônio José Landi, o que legitima sua história intimamente com a história da Metrópole da Amazônia, a Cidade de Belém do Pará, e também com o Círio de Nazaré.

A CMB valoriza em seu interior a arte dos vitrais (no total de dez) para exposição dos símbolos da fé através do culto e veneração aos santos, bem como situações vivenciadas nas passagens bíblicas aonde cujo exemplo os fiéis se edificam. Pois, quando se olha para uma imagem de um mártir religioso estampada nos vitrais ela nos faz refletir que a pessoa ali representada é santa (foi beatificada), vivendo conforme a vontade de Deus, então, é um “modelo de vida” a ser seguido por leigos e religiosos católicos.

A iconografia cristã, certamente, foi concebida como um tipo de arte carregada de sentidos e, neste caso, uma via de acesso para compreender um sistema de crenças e práticas sagradas. Deste modo, podemos argumentar que a tradição cristã, em diferentes momentos de sua longa história, procurou reproduzir sua função pedagógica por meio dos símbolos.

Neste sentido, pode-se argumentar que paralelamente a uma teologia abstrata (de via racional), houve também a produção de uma teologia iconográfica, isto é, uma codificação do sistema de crenças em imagens, que por via da produção visual tornava concreto os principais conceitos religiosos. Também, com o estudo através de fotografias, pretende-se catalogar todo o patrimônio de vitrais que a CMB possui possibilitando um maior reconhecimento e valorização desta linguagem de arte (integrante da memória e patrimônio material e cultural) de Belém do Pará (Brasil).

Precisaremos também utilizar o método etnográfico nas entrevistas semiestruturadas com o Arcebispo de Belém, primeiramente para autorização da pesquisa se realizar e depois para conhecermos melhor a história de Catedral da Sé (Sede da Arquidiocese de Belém) e sobre a compra e aquisição dos vitrais, assim como com os religiosos e leigos católicos analisando a importância da estrutura simbólica dos vitrais nas mudanças de atitude na postura religiosa dos fiéis depois do conhecimento prévio histórico de seus mártires religiosos

através da entrevista, etnografia e da fotoetnografia.



Figura 01 - Catedral da Sé / Sede da Arquidiocese de Belém (Lócus da Pesquisa).
Fonte: Autores (2021)

Uma das técnicas entendida como legítima para a obtenção de dados com a profundidade necessária para a elaboração do texto etnográfico consiste na observação participante, cuja paternidade, em termos de uso de tal instrumental, cabe a Bronislaw Malinowski, autor do clássico trabalho intitulado "Argonautas do Pacífico Ocidental", um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia, publicado pela primeira vez em 1922. Para Malinowski (1976):

"Um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. (...) Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos" (MALINOWSKI, 1976, p.18).

Este jogo intrigante que a etnografia possibilita faz com que o pesquisador, ora se impregne totalmente do ponto de vista dos seus pesquisados, se desconstruindo, ora se afaste, de modo a tornar possível a análise daquilo que foi levantado em campo.

Buscaremos organizar os dados de modo que nos permita, então: Primeiro compreender a relação entre religião e arte buscando descrever alguns elementos técnicos da arte dos vitrais e fotográfica de modo que nos possibilite interpretá-la com a arte religiosa, o segundo tratará da ordem religiosa (tradição) que deu origem a Sé em Belém do Pará. Por sua vez, na pesquisa buscou-se articular alguns elementos históricos, religiosos e sociais a fim de analisar a estrutura simbólica dos vitrais e sua função pedagógica de fé para os religiosos, leigos católicos e de outras OR's.

Pretende-se ao finalizarmos trazer a público através de fotografias todo o patrimônio de vitrais que a Sé de Belém (PA) possui possibilitando uma maior conceituação e instrumentalização para sua salvaguarda (e tombamento se ainda não possuir). Busca-se ainda incentivar e valorizar o reconhecimento desta linguagem de arte como integrante da memória e patrimônio material e cultural de Belém do Pará (Brasil).

Sabe-se que o trato a vitrais ainda é um grande desafio, sobretudo no Brasil, uma vez que a bibliografia de referência é escassa e o conhecimento técnico é um privilégio de muito poucos profissionais vitralistas. Mas, justamente por necessitar de esforços técnicos muitas vezes investigativos, é um campo do conhecimento que oferece muitas possibilidades de aprendizado e desenvolvimento, por isso nosso interesse em estudá-lo.

1. UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ICONOGRAFIA CRISTÃ

2.1 TEOLOGIA DA LUZ

A teologia iconográfica vista em seu contexto histórico, não pode ser isolada das relações culturais, históricas e sociais que a compõem.

Eusébio (2005), argumenta que:

O surgimento do cristianismo no contexto greco-romano não representou uma ruptura com esta cultura pelo contrário, além de sua herança judaica, verificou-se também uma “apropriação de símbolos e imagens” na composição de seu imaginário (EUSÉBIO, 2005, p. 09).

Entre os variáveis elementos iconográficos encontra-se, de modo particular, o objeto de nossa reflexão, a saber, a produção imagética dos vitrais que para além de seu aspecto estético, caracterizado pelo mosaico de cores, reproduz uma função pedagógica que consiste em uma fixação do modelo de fé.

Mircea (1992: 37) nos diz que:

O homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o “*homo religiosus*” acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real.

Sabe-se que os vitrais são peculiarmente atraentes, suntuosos e estão em posição (localização) de destaque nas igrejas, basílicas e catedrais cristãs do mundo inteiro.

Com relação, as catedrais Duby (1988) relata que:

Duas torres são abertas inseridas na fachada e ameaçadas por uma série de arcaturas. A

luz do poente penetra no interior do edifício pelo Côncavo dos três portais. Por cima deles, irradia uma rosácea, a primeira que foi aberta no lado ocidental de uma igreja, iluminando as três capelas altas, dedicadas às hierarquias celestes, à Virgem, a São Miguel e aos anjos. O que formará a fachada de todas as catedrais futuras nasce assim da teologia de Suger (DUBY, 1988, p. 106).

Mesmo um indivíduo que nunca viu um, ao entrar em uma catedral que possui vitrais em seu interior, certamente irá observar as luzes coloridas, suas várias formas e ficará maravilhado. Além deste caráter estético, os vitrais das igrejas católicas não são simplesmente vidros coloridos. Eles são coloridos sim, mas muito mais do que isso. Possuem formas diferentes, tamanhos diferentes, espessuras diferentes e, principalmente, imagens.

Imagens estas que narram uma história tornando um vitral ainda mais atraente, instigante, mas ao mesmo tempo profundo, complexo o seu estudo.

Vitral é um elemento arquitetônico constituído por pedaços de vidros, geralmente coloridos, combinados para formarem desenhos. O vitral originou-se no Oriente, por volta do Século X. A técnica clássica de fabricação do vitral utilizava o chumbo nas junções e soldaduras, atualmente existem técnicas mais avançadas que usam produtos menos pesados, como o plástico e o acrílico. (PANOFISKY, 1989, p. 23)

Optou-se por utilizar a fotografia como recurso, pois como a etimologia da própria palavra já afirma e Mannoni (2003) também reitera que: A fotografia é a escrita com luz, o desenho obtido pela luz e isso tem tudo a ver com o tema desta pesquisa, os vitrais, pois são desenhos, imagens que precisam de luz para aparecer.

Manini (2011, p. 21) afirma que:

A fotografia como índice utiliza o discurso da referência para fazer ver a realidade inegável de uma imagem, apesar da consciência dos inúmeros códigos envolvidos em sua construção. Somos privilegiados por através da fotografia eternizar objetos e fatos importantes, a arquitetura, a arte e eventos históricos.

Aprende-se com a fotografia que uma pessoa, um fato, um vitral ou uma paisagem tem um caráter único naquela fração de segundo e é único inclusive para quem captou a imagem.

Afirmamos isso porque a câmera fotográfica, seja ela qual for, registra menos informações que o olho humano, o monitor menos ainda, e a impressora que torna “física” a imagem, menos ainda. Portanto, a menos que se vá a Sé em Belém do Pará e observe os vitrais, nenhum registro fotográfico, por mais minucioso que seja em suas etapas, conseguirá retratar a atmosfera e sutilezas ali encontradas.

O ícone é uma janela aberta para o céu e, ao mesmo tempo, uma testemunha do céu. Aqui temos a precedência do Criador sobre as obras da criatura que passam a serem testemunhas da realidade divina. Florenski (1996) traslada o sentido do ato de testemunhar da pessoa para a matéria inerte. Se o mártir é pessoa encarnada que testemunha o Senhor, o ícone é matéria pintada que também testemunha o Senhor. Quando dotado deste sentido, o ícone é janela para o invisível celestial. Desprovido

deste sentido o ícone é simples matéria, um pedaço de madeira com linhas e cores (MENDONÇA, 2018, p. 41).



Figura 02 - Santo Antônio, o Menino Jesus e a Virgem Maria.

Fonte: Autores (2021)

Além disto, até o momento não há nenhum trabalho dedicado aos vitrais da referida Catedral em Belém (PA) e para que não se perca a história e o valor destes, seja durante uma nova reforma, ou um ato de vandalismo, ou ainda por causa naturais, empenhamo-nos em fazê-lo e os seus registros catalogando-os.

Pois, acreditamos, existirem vitrais que se perderam, ou foram quebrados, eventualmente em alguma reforma ou restauro, e não há imagens que os registrem.

Há uma importante citação de Panofsky (1989) que diz: “Acredito sinceramente que existem coisas que ninguém veria, se eu não as tivesse fotografado”.

Independente do valor estético, retrataremos na pesquisa o cultural e o religioso almejando com isto depois da pesquisa concluída que sejam vistos e atribuído o real valor antropológico, histórico, religioso e cultural da referida arte no âmbito nacional e também internacional.

2.2 FICHA CATALOGRÁFICA COMO BASE DE DADOS AO TRATAMENTO DOS VITRAIS

Helder M. Viana (2015) buscou criar um “padrão” nacional para o registro e identificação dos vitrais. Conforme, o autor:

A longevidade de um vitral é inversamente proporcional à natureza frágil de seus materiais. Embora existam exemplares conservados que remontam a um período de cerca de mil anos, foram várias as perdas causadas pela falta de conhecimento do valor de muitas destas obras, objetivando um processo de conhecimento que visa a proteção de acervos de vitrais. (VIANA, 2015, p. 17)

Existem fichas e métodos internacionais que ele considerou para desenvolver a sua ficha. Esta ficha é um grande passo para o resgate da importância dos vitrais na sociedade e seu respectivo registro histórico.

Com base em Viana (2015), foi elaborada uma Ficha de Catalogação Específica (FCE) para os vitrais, contendo campos essenciais para a salvaguarda (conservação e preservação). Foi dividida em dois momentos: Identificação e características do objeto e a ficha catalográfica dos vitrais.

É comum alguns vitrais, técnicas ou objetos possuírem mais informações disponíveis do que outros, e isso é um desafio aos pesquisadores dessa tipologia de acervo. De qualquer forma, o ideal é que cada exemplar receba um número de registro próprio e uma ficha catalográfica individual, para melhor gerenciamento de informações, para garantir a qualidade da sua manutenção e perpetuar sua existência (MICHELOTTI, 2011, p. 49).

Desastre, nesta pesquisa utilizou-se a ficha catalográfica de Denise Michelotti (2011), servindo como base de dados para o adequado tratamento dos vitrais mais especificamente os da Sé de Belém-Pará que foi dividida em dois momentos: Identificação e características do objeto e a ficha catalográfica especializada em vitrais como demonstra a imagem abaixo:

		LOGO MARCA DA INSTITUIÇÃO NOME DA INSTITUIÇÃO		
		Nº DE TOMBO:		Nº DE REGISTRO:
FICHA CATALOGRÁFICA	IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO	CLASSE	SUBCLASSE	TERMO
			I	
		COLEÇÃO	LOCALIZAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO
		NOME DA OBRA:		
		AUTOR:		
		PROCEDÊNCIA:		ORIGEM:
		AQUISIÇÃO: ☒ DOAÇÃO ☐ COMPRA ☐ PERMUTA ☐ TRANSFERÊNCIA		DATA:
		DIMENSÕES:	ALTURA:	LARGURA:
		CONSERVAÇÃO: ☒ EXCELENTE ☐ BOM ☐ REGULAR ☐ RUIM		
	MATERIAL	IMAGEM		
	HISTÓRICO DE AQUISIÇÃO			
	MARCAS E INSCRIÇÕES			
	BIBLIOGRAFIA:			
	ICONOGRAFIA			
	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÃO		

FICHA CATALOGRÁFICA	ESPECIALIZADA EM VITRAIS	ARQUIVO DE FOTOGRAFIAS:				
		RADIOGRAFIA:				
		MATERIAIS E TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO				
		VIDRO:	CHUMBO:	PINTURA:		
		CONDIÇÕES DE CONSERVAÇÃO				
		VIDRO:	CHUMBO:	PINTURA:	VEDAÇÃO:	RESTAURAÇÃO PREVIA
		AÇÕES TOMADAS:				
		MATERIAIS:				
		RECOMENDAÇÕES:				
		LAUDO DE CONSERVAÇÃO E TRATAMENTO:				
CONSERVADOR:				DATA:		

Figura 3 - Modelo de Ficha Catalográfica

Fonte: Adaptada pelos Autores em 2021 (MICHELOTTI, 2011, pp. 45-46)

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa em que dialogam história, religião e arte, observamos que a Igreja Católica no Brasil apoiou-se nas artes para evangelizar os leigos e sustentar a fé.

A composição é o meio interpretativo de controlar a reinterpretação de uma mensagem visual por parte de quem a recebe. O significado se encontra tanto no olho do observador quanto no talento do criador (DONDIS, 1997, p. 131).

Assim mesmo apesar de não vermos as mesmas coisas todos aprendem pela sensibilidade tanto quem criou quanto quem observa. Concordamos com o Donis Dondis (1997) no sentido de que o valor pedagógico dos vitrais continuam latente para quem admira e conhece ou não a sua história. Assim, os vitrais das igrejas constituíam então uma espécie de bíblia dos iletrados, ao transcreverem, em figuras visuais, episódios e personagens mais expressivos dos textos sagrados.

Aonde, a imagem criada em um processo artístico, qualquer que fosse ele, “transcrevia” o legível na ordem do visível e o artista tinha, entre outras, a função de transmitir visualmente ‘a palavra’ realizada através de sua relação com as narrativas bíblicas.

REFERÊNCIAS:

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter et al. **Textos Escolhidos**. Coleção: “Os Pensadores”. São Paulo (SP): Abril Cultural, 1983.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. Bauru (SP): EDUSC, 2004. (Coleção História).
- SEMED-PR, Secretaria Municipal da Educação do Paraná. **Currículo do Ensino Fundamental: Versão preliminar. VOLUME V**. Curitiba (PR): SEMED-PR, 2016.
- DONDIS, Donis. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DUBOIS, Philippe. **El acto fotográfico: De la representación a la recepción**. Barcelona (ESP): Paidós Comunicación, 20, 1986.
- DUBY, Georges. **O tempo das catedrais: A arte e a sociedade (980-1420)**. Lisboa (PT): Estampa, 1988.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1996.
- EUSÉBIO, Maria de Fátima. **A apropriação cristã da Iconografia Greco-latina: O tema do Bom Pastor**. Universidade Católica Portuguesa. Departamento de Letras. Viseu (PT): Máthesis, 2005.
- FABRIS, Annateresa. **A estética da comunicação e o sublime tecnológico**. In: COSTA, Mário. (Org.). **O Sublime Tecnológico**. São Paulo (SP): Experimento, 1995.
- FLORENSKY, Pavel. **Iconostasis**. New Hampshire (USA): Oakwood Publications, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre (RS): L&PM Pocket, 2011.
- GOETHE, Johann W. **Escritos sobre a arte**. Trad.: Marco Aurélio Werle. São Paulo (SP): Associação Editorial Humanitas, Imprensa Oficial, 2005.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa (PT): Editora 70, 2007.
- JUNQUEIRA, Sergio Rogerio; ROCHA, Terezinha Sueli. **Pedagogia libertadora de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à Pesquisa**. 29ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.
- LEWIN, K. **Teoria de campo em Ciência Social**. São Paulo (SP): Pioneira, 1965.
- MANINI, Miriam Paula. Imagem, memória e informação: Um tripé para o documento

fotográfico. **Domínios da Imagem**, Londrina (PR), n. 8, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/127>

Acesso em: 10 jun. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Coleção “Os Pensadores”, v. 43. São Paulo (SP): Abril Cultural, 1976. 436 p.

MANNONI, Laurenti. **A grande arte da luz e da sombra**. Trad. KFOURI, Assef.. São Paulo (SP): Editora SENAC, 2003.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na Pesquisa Social**. São Paulo (SP): Didática, 1991.

MENDONÇA, Kátia Marly Leite. **A imagem**: Uma janela para o invisível. Belém (PA): Marques Editora, 2018.

MENDONÇA. Kátia Marly Leite. **A salvação pelo espetáculo, mito do herói e política no Brasil**. Rio de Janeiro (RJ): Topbooks, 2002.

MENDONÇA. Kátia Marly Leite. **Duas luzes em meio à escuridão**: Etty Hillesum e Sônia Siemiônovna. In BARRIENTOS, J.D., RODRÍGUEZ, D.I., ROSALES, M. y ÁNGEL VIÑAS, V. (eds.). *La filosofía y el Bien, Agradecimientos a Miguel García-Baró*. Madrid (ESP): Ápeiron Ediciones, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. São Paulo (SP): Perspectiva, 2003.

MICHELOTTI, Denise. **Arte em vitrais**: A salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Museologia, 2011.

MIRCEA, Eliade. **O Sagrado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1992.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. Lisboa (PT): Editora Presença, 1989.

QUIVY, R. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa (PT): Gradiva, 2005.

RAUCH, Ivo. **The conservation and restoration of historical stained glass and painted glass**: An Introduction to the Problem. Disponível em:

<http://www.cvma.ac.uk/conserv/rauch.html>

Acesso em: 11 jun. 2021.

ROMANO, Ruggiero. (org.) **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 12. Mythos: Logos (Sagrado / Profano). Lisboa (PT): Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1987.

SANTOS, Denilson Marques dos; COSTA, Maria Cecília F. da; MORAES, Erika Meireles de; BRITO, Ana de Fátima; SILVA, Alan Ceber C. da. Uma análise da garantia dos direitos

de crianças e adolescentes no município de Belém-PA. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**/ISSN 2525-8508, Vol. 4, nº 1, pp. 1-22. América do Norte (USA), 2018.

SANTOS, Denilson Marques dos; COSTA, Maria Cecília F. da.; SANTOS, Denise M. dos. Utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino da língua inglesa e seus desafios na formação docente. **Revista Práxis Educacional**, [UESB], v. 16, n. 41, p. 787-801, Edição Especial, set. 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i41.6483.

SILVA, Eliane Moura. **Estudos de Religião para um Novo Milênio**. In: Karnal, L (org.). História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas. São Paulo (SP): Ed. Contexto, 2003.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **A documentação e suas diversas abordagens**. In MAST COLLOQUIA. Vol. 10. Documentação em museus, pp. 12-30. Rio de Janeiro (RJ): EDUFRJ, 2008.

VIANA, Helder Magalhães. **Instrumentos e técnicas para sistema de identificação e registro de vitrais**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro (RJ): UFRJ/ FAU, 2015.

* * * * *